



A COR DA MÃE: DESIGUALDADES RACIAIS NA SÍFILIS CONGÊNITA EM UBERLÂNDIA

Eixo Temático: Saúde da Criança

Juliana Costa Crispim¹
João Carlos de Oliveira²

¹ Enfermeira na Vigilância Sanitária da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador (PPGAT/IG/UFU). E-mail: julianaenf23@yahoo.com.br

² Professor da Escola Técnica de Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador (PPGAT/IG/UFU). E-mail: oliveirajotaestes@ufu.br

RESUMO

Introdução: Este trabalho possui relações com o Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador (PPGAT/IG/UFU). A Sífilis é uma doença infectocontagiosa e sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema pallidum*, que persiste no Brasil como um grave problema de saúde pública, apesar da existência de tratamento eficaz e de baixo custo. A Sífilis Congênita (SC), responsável por elevadas taxas de morbimortalidade fetal e neonatal, pode ser transmitida por via transplacentária a partir de gestante não tratada ou com tratamento inadequado. A elevada incidência em mulheres não brancas pode ser explicada pelas desigualdades socioeconômicas, culturais e o racismo institucional que as colocam em situação de vulnerabilidade, com baixa escolaridade e renda, e menor acesso à informação e serviços de saúde. O Racismo, prática sistemática de discriminação fundamentada na raça, que confere privilégio a determinados grupos e desvantagens a outros, é considerado o principal determinante social de saúde para a população negra brasileira. Além da sífilis e outras doenças infecciosas, para negros há maior ocorrência de: doenças crônicas; acidentes de trânsito e trabalho; alta mortalidade materna, infantil, por violência; menor acesso a consultas; maior dependência dos serviços públicos de saúde e mais queixas de discriminação. **Objetivo:** Realizar levantamento dos dados de Sífilis Congênita disponíveis no portal DATASUS para o município de Uberlândia de 2010 a 2020 e identificar, quanto ao número de casos, se há diferenças entre filhos de mães de raça/cor branca e negra. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, com delimitação transversal e abordagem quantitativa. Tendo em vista a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram compreendidos como relativo a negros os casos listados como de sujeitos pretos somados aos de sujeitos pardos. Foram excluídos os dados relativos à população amarela e indígena por não corresponderem ao foco desta investigação. Os dados coletados no DATASUS são informações de domínio público, portanto, não houve necessidade de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** Foram encontrados registros de 392 casos de SC para o município de Uberlândia entre os anos de 2010 a 2020 para as populações investigadas. Na segregação dos casos por raça/cor da mãe, foram identificados 143 (36,48 %) casos de crianças com mães de raça/cor branca e 242 (61,73%) de raça/cor negra. Casos ignorados ou em branco somaram 7 (1,79%). **Conclusão:** Filhos de mães pretas e pardas foram mais acometidos por Sífilis Congênita, o que demonstra o impacto do racismo na produção de desigualdades na saúde de crianças negras. Se coloca como urgente a necessidade de enfrentamento do racismo como o mais importante determinante social de saúde para a população negra, a realização de mais pesquisas para identificação de



vulnerabilidades e necessidades dessa população, com vistas a redução das desigualdades raciais em saúde e fortalecimento da equidade no SUS, à luz da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

Descritores: Saúde da População Negra. Racismo. DATASUS. Sífilis Congênita.

Referências

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** 1. ed. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 204 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS.** 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017a. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf. Acesso em: 13 set. 2019.

OZELAME, J. E. E. P. *et al.* Vulnerabilidade à sífilis gestacional e congênita: uma análise de 11 anos. **Revista Enfermagem Uerj**, Rio de Janeiro, n.28:e50487, p.1- 9, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/50487/35895>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SILVA, I. M. D. *et al.* Perfil Epidemiológico da Sífilis Congênita. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 13, n. 3, p. 604-613, mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/236252/31536>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SOUZA, G. N. Análise do sistema de classificação por cor/ raça no Brasil. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 1-17, mai. 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1442/944>. Acesso em: 19 mai. 2021.